

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NAS PRÁTICAS
RESTAURATIVAS REALIZADAS NAS ESCOLAS COMO MECANISMO DE
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ E DE PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR¹**
**SCHOOLS IN PARENT PARTICIPATION IN RESTAURANT PRACTICES
CARRIED OUT IN SCHOOLS AS A MECHANISM FOR BUILDING A PEACE
CULTURE AND PREVENTION OF SCHOOL VIOLENCE**

**Tarciane Isabel Zomer², Verônica Adelaide Couto Da Silva³, Lurdes
Aparecida Grossmann⁴**

¹ Projeto de extensão realizado no curso de Direito da Unijuí.

² Bolsista no Projeto de Extensão Cidadania Para Todos e aluna do Curso de Direito da UNIJUI

³ Voluntária no Projeto de Extensão Cidadania Para Todos, Aluna do curso de Direito da Unijuí

⁴ Professora do Curso de Direito da UNIJUI

Resumo

O presente trabalho aborda a importância da participação dos pais nas práticas restaurativas realizadas nas escolas, como mecanismo de construção de uma cultura de paz e de prevenção da violência escolar. Inicialmente conceitua as práticas restaurativas, sua evolução histórica e a adoção destas como diretrizes para o trabalho com crianças e adolescentes, tanto em questões responsivas de aplicação de medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente para adolescentes que praticaram ato infracional, mas, principalmente, como mecanismo preventivo de solução de conflitos no ambiente escolar. Sob este viés, destaca a realização círculos de construção de paz, nos quais toda a comunidade escolar que está envolvida ou refletida na situação, alunos, professores, funcionários e pais, participam para buscar construir uma solução conjunta para a questão. Como as circunstâncias envolvem crianças e adolescentes, seres em formação, torna-se fundamental a participação dos pais em tais atividades por serem responsáveis diretos pela formação dos filhos. Ao trazer como valores fundamentais o respeito e a igualdade entre as partes, a figura do facilitador como um igual, que auxilia no desenvolvimento do círculo, a escuta responsiva e o foco na solução para o futuro, as práticas restaurativas permitem que as diferentes gerações possam estabelecer uma relação dialógica que muitas vezes não é possível no ambiente familiar por uma série de fatores, dentre os quais ganha relevo a distância tecnológica existente entre pais e filhos ou a não observância do impacto destas novas tecnologias e do ambiente virtual nas relações parentais atuais.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

Palavras-chave: Práticas Restaurativas. Escolas. Participação dos Pais. Diálogo.

Introdução

A construção de uma cultura de paz torna-se vital em uma sociedade polarizada como a brasileira. Aprender a importância do diálogo como ferramenta fundamental para a resolução dos conflitos deve ser uma das metas da escola e este aprendizado pode ser fortalecido pela adoção das práticas restaurativas, lastreadas por valores fundamentais como o respeito, a igualdade e a empatia.

Na abordagem restaurativa são chamados todos os envolvidos no ambiente escolar para trabalhar questões que surgem no dia a dia da escola. Neste contexto, a participação dos pais é de suma importância porque na família está a origem dos valores trazidos pelas crianças e adolescentes para a escola e, em muitos casos, razões de conflitos neste local. Além disso, a construção de soluções conjuntas entre os jovens, pais, professores e comunidade escolar, permite que estas decisões coletivamente construídas sejam seguidas nos outros ambientes de convivência da criança, como a família. Além disso, capacita os pais para uma reconexão dialógica com os filhos em diversas áreas, inclusive, em relação a participação da família no ambiente virtual.

Sob este enfoque, o presente resumo apresenta as práticas restaurativas, pondera sobre a importância da participação dos pais nestas práticas desenvolvidas na escola e as aponta como uma ferramenta importante para a construção de uma cultura de paz.

Desenvolvimento

Segundo Howard Zehr (2008), as práticas restaurativas eram desenvolvidas em diversas culturas ao longo da história, dentre as quais se destacam os indígenas americanos, os aborígenes australianos e algumas tribos africanas, mas se desenvolveram e se difundiram a partir da década de 70 do século passado, quando a justiça restaurativa passou a ser adotada e estudada no Canadá e nos Estados Unidos.

A justiça restaurativa procura respostas, na comunidade, que ensinam, curam, reparam e

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

restauram vítimas, autores de crimes e comunidade (ACHUTTI, 2013, p. 156). As práticas restaurativas procuram restabelecer a comunicação interpessoal (Zehr, 2008), de modo que todos os envolvidos tragam sugestões de soluções para a situação e para atender as necessidades dos envolvidos. Caso haja algum responsável, oportunizar que esta pessoa reconheça sua responsabilidade no caso e, em relação às vítimas e demais afetados, como, por exemplo, em um desentendimento no interior da escola, que a vítima se recupere e todos construam condições para o retorno a uma convivência pacífica.

Por estas razões foram adotadas pelo projeto como diretrizes para o trabalho com medidas socioeducativas para autores de ato infracional e para as escolas como mecanismos de prevenção de conflitos.

As práticas restaurativas são desenvolvidas em atividades circulares que reúnem todos os envolvidos na situação, em um diálogo que se desenvolve baseado no respeito e na igualdade entre todos os presentes, na confidencialidade e no estabelecimento de regras em comum, com a figura do facilitador como uma pessoa que vai auxiliar na atividade e não conduzi-la (TIVERON, 2009, p. 52). As partes abandonam a passividade e passam a ser protagonistas das discussões e decisões tomadas (PALLAMOLA, 2009).

Esta construção dialógica, permeada por valores fundamentais como a igualdade e o respeito, merece destaque quando é aplicada em pessoas em formação, como são as crianças e os adolescentes, ainda mais quando desenvolvida em um ambiente escolar, que prima pela diversidade de ideias, culturas, religiões e outras.

Nas práticas restaurativas, o entendimento é que em qualquer sociedade o conflito é inerente, justamente por reunir visões diversificadas do mundo. O grande diferencial é a forma são resolvidos estes conflitos. Através da ótica restaurativa, o diálogo é o elemento condutor desta resolução. Ensinar, desde a infância, que através do diálogo encontram-se soluções para todas as demandas, permite capacitar o ser humano a solucionar seus conflitos pela paz e não pela violência, tão presente no momento atual.

Nos círculos de construção de paz, todos são colocados em uma situação de igualdade. A escuta responsiva é fomentada através de técnicas que permitem a empatia entre ouvinte e interlocutor, como a utilização do objeto de fala ou bastão da fala. Este objeto é escolhido dentre elementos que são importantes para aquele círculo, como por exemplo, um livro, e que quem o detém tem o poder de falar, mas, mais importante, os demais tem o dever de escutar empaticamente, prestando atenção ao que o outro diz, procurando compreender suas razões, sentimentos e necessidades.

Quando desenvolvidos na escola, estes círculos ou outras atividades restaurativas, devem contar com a participação dos pais, justamente por tratar-se de seres em formação que tem por base educacional o ambiente da educação formal da escola, mas também de maneira fundamental a formação trabalhada pelos pais no ambiente doméstico.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

A primeira formação das pessoas em relação aos valores de convivência com o outro ocorre na família. Nela, seus membros tem que buscar resolver os conflitos surgidos da convivência, da diferença da personalidade, bem como situações divergentes existentes entre os filhos e os pais. Na escola estas questões tornam-se mais abrangentes porque os alunos vêm de famílias com diferentes valores, posições políticas, religiões, classes sociais e outras.

Estas diferenças tem se acentuado e sido fomentadas pela ótica de oposição ao outro, ao que pensa diferente, muito em decorrência da onipresença das redes sociais na vida das pessoas, nas famílias e na escola. Formam-se bolhas, nas quais reúnem-se grupos que pensam da mesma maneira, dão likes somente em quem pensa da mesma forma e fake news se disseminam, sem que as pessoas preocupem-se em averiguar a verdades dos fatos, construindo uma ideia de pós-verdade.

Neste cenário, as crianças e adolescentes nascem ultraconectados, sendo que muitos aprendem a ler no ambiente virtual, sendo que smarphones, tabletes e outros aparelhos multimídia já fazem parte da sua construção como indivíduo desde a primeira infância. A internet passa a ser uma extensão da memória e o contato interpessoal é colocado, muitas vezes, em segundo plano.

Esta nova concepção de mundo em que o real e o virtual convivem intensamente, sendo que este às vezes se sobrepõe àquele, traz em algumas famílias um abismo geracional que impede a compreensão entre os envolvidos e dificulta o diálogo. O pai não compreende que os filhos falem entre eles, na mesma sala, pelas redes sociais, que o filho esteja deprimido por não ter conseguido uma foto legal para o instagram ou que eles não tenham um número suficiente de likes.

De outro lado, há pais que não percebem que suas práticas cotidianas com o ambiente virtual são reproduzidas pelos filhos, como, por exemplo, no caso de pais que não compreendem um comportamento agressivo do filho na escola, mas estão em conflitos com o grupo da família no whatsapp por questão políticas.

Estes conflitos chegam na escola, nas quais há uma lei estadual que não permite o uso de aparelhos celulares em sala de aula, sem ter a dimensão de que para esta nova geração os celulares já são percebidos como uma extensão do seu corpo, o que faz com que no local onde deve-se aprender a conviver com as diferenças, um aspecto relevante das suas vidas, que é a convivência no mundo virtual, passe a ser proibido.

Neste novo contexto, as práticas restaurativas surgem como uma ferramenta importante para que se restabeleça a conexão interpessoal, que pais e filhos, junto com os demais colegas, professores e comunidade escolar, possam retomar o diálogo, expondo seus sentimentos, necessidades inclusive sobre questões preocupantes decorrentes da falta de orientação da navegação na internet, como o acesso a grupos que fomentam violência na

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

escola, a jogos que pregam a automutilação e o suicídio, o contato com pedófilos, etc.

Conclusão

A convivência pacífica na diversidade, com a relação dialógica como caminho para a resolução de conflitos, é fundamental para o desenvolvimento social. Aprender, no ambiente escolar, os valores restaurativos é a chave para a construção de uma cultura de paz.

Neste sentido, todos, alunos, pais, professores e comunidade escolar, devem buscar soluções conjuntas para as demandas surgidas na escola e que se refletem na vida do jovem, inclusive na família. As práticas restaurativas se apresentam como um mecanismo eficaz para o restabelecimento do diálogo na escola, na família e na comunidade para a construção de soluções pacíficas para os conflitos.

Em um mundo no qual o virtual se sobrepõe muitas vezes ao real, resgatar a empatia, a escuta responsiva e o contato entre todos, torna-se fundamental.

Referências

ACHUTTI, Daniel; PALLOMOLLA, Raffaella. Sistema penal e violência. Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 75-87, jan-jun, 2014.

HOWARD, Zehr. Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça. São Paulo: Palas Athena, 2008.

PALLAMOLLA, Raffaella de Porciúncula. Justiça Restaurativa : da teoria a prática. São Paulo: IBCRIM, 2009.

TIVERON, Raquel. Promover justiça com perdão e alteridade: a proposta da justiça restaurativa. Univ. JUS, Brasília, n. 19, p. 35-61, jul./dez. 2009.